7 Conclusão: Sens'ações - dos combates (por Ebin'âê San Carval)

Para Barbara Lito

Estou na encruzilhada do caminho
e uma mão me oferece um portão para a minha cura,
magicamente atravesso-o.

Calendário Maia - mão cósmica azul

Dos conselhos de uma borboleta ou barboleta amarela clarinha que me estendeu suas asas, tracei minha travessia mágica. Barbolita vive nas florestas, voando e criando vento de onde me vem a brisa-vida. A vibração de seu corpo de inseto e de suas asas em movimento enleia meu corpo cinza-branco. Cinza-branco sou eu, Ebino San Carval – guerrilheiro da espreiteza, esquizístico e trans-tornado. É de meu corpo velho que retorno ou retomo a escrita dessas palavras, rejuvenescido por aquela brisa. Agora jovem cinza-branco, enfim, celebro nesse corpo manifestado: sou Ebin'âê.

Quero falar-lhes sobre as ações – os combates possíveis – em nossa vida insignificante.

– Não devemos nos dar tanta importância!

sussurra a barbolita Irapi, pousada mais uma vez em minha mesa. Sua voz é reforçada pelo eco de um tal Pessoa que se dissolveu - ou dissipou-se - em personalidades, heterônimos, vozes ou corpos. Dos versos iniciais de “Tabacaria”, de seu amigo Álvaro:

Não sou nada

Nunca serei nada

Não posso querer ser nada

A parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

O nada-homem, disperso, traz consigo todos os sonhos do mundo. É gênio tanto quanto outros cem mil que também sonham ser gênios, também vivem

inconformados e inquietos. São Josés e Severinos, espalhados pelo mundo, em variantes das diversas línguas.

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou
 Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa.
 (Pessoa, 1976, p. 79)

A referida pessoa, de nome Álvaro de Campos, escreve versos. Vive atrás de seus versos, como o dono da tabacaria vive atrás da tabuleta. Essas mesmas pessoas é que sorriem, uma para a outra, no final do poema. Se fôssemos à tabacaria e, porventura, esbarrássemos com seu dono, poderíamos ter conhecido o Álvaro, que olha atrás das janelas e dos versos.

Todos morreram: os versos, a tabuleta, a tabacaria e as ruas – tanto quanto eles dois, freguês e dono. Assim anuncia, agora íntimo, Álvaro. Tudo vira energia trans-tornadora – energia que conserva e revoluciona.

Entre Pessoa e os outros; entre morte e transformação, estaria a ezquisítica.

A mística das vozes que ouço e dos corpos que me invadem.

A criação resulta de um processo coletivo.

São vibra-ações que atraímos, por vontade própria ou não.

Por vezes, há guerra, as vozes se dividem, os corpos se rompem e os invasores os atravessam.

(Foi assim com um amigo chamado Arados Santos C.)

Loucuras são verdades para os loucos?

Vozes esquisitas, palavras truncadas produzem verdades. Relatos consistentes resultam em mentiras. Uma mística esquizofrênica mapeia os caminhos. A esquizística, inspirada na esquizotérica Lilith Loschi, irá nos responder mais tarde a essa inquietação.

Seguro, então, nessa mão cósmica azul
 e atravesso magicamente o portão que se abre...

7.1.Arados não conheceu a barbolita Irapí

Ela que vem com os tremores da terra, os ventos e o sol do meio dia.
 Transforma-se com a força do relâmpago. Como falei, vive nas florestas
 sorratamente escondida

– espreita esperta –

Preocupado em revolver a terra e plantar sua lavoura, Arados não se abriu para as forças sutis da natureza. Irapí povoava os devaneios de Arados, mas, lúcido, quando viu-sentiu-ouviu o rufar leve das asas, não soube lidar com tanto brilho-brisa. Os detalhes fazem a diferença; o silêncio é revolucionário.

A barbolita retorna e pousa no meu corpo. Sinto o tremor do ar. Vibrações. Irapí dispersa e concentra energia, em seu único dia de vida-voada e novamente trans-torna para o estado de lagarta. Enquanto trabalha-brinca-ri, ela revoluciona as energias, desperta os afetos.

E o ciclo recomeça: do vagar lento de lagarta em que os primeiros movimentos se realizam, passa à fase das sensações confusas, fazendo-se crisálida. É quando a espreiteza é sentida-vibrada. Arrisca sua fonte de energia, treme e volteia. Sente o momento oportuno e rompe sem envoltório. Depois, passa pelo ritual de secar as asas para o vôo-salto. Se cair, desfalece. Está pronta e solta-se. Cria-brisa. Recebo a benção de suas asas amarelas em seu macio mexer – acenante...

– dissipa... es-vai-se –

7.2. das intervenções do guerrilheiro da espreiteza

O guerreiro popular, de seus lugares de espreita, atacará no momento oportuno.

Che Guevara

Buru revisita os meus sonhos. O ancião San Carval acompanha Buru; são guerrilheiros à espera, impacientes. Foi uma convivência, repleta de idas e vindas, em confronto permanente. Agora, é a lembrança reconstruída. Quem fica para contar sou eu, o jovem San Carval, filho das ciências e do firmamento. Conheci Buru apenas em sonho e imagem, mas, de alguma forma, participei e participo da cumplicidade combativa.

Na caça ou na guerrilha, a espreita é a condição para o salto, a esperteza, a atenção na oportunidade que se abre. Aguardamos, sentindo o pulsar das forças em nosso redor. Os acontecimentos se precipitam. A ação se dá num cen'átimo. Quem vislumbrou-sentiu-gestou o cen'átimo foi Vladimir Corvo. Definiu-o como instante que nem instante é, ocupando espaço indefinido. Aí é que se dá o (as)salto – esperteza –, entre os sons orquestrados da floresta, quando não há

sombra e tudo é eman’ação. Circunstância catártica ou transe místico, o cen’átimo vem-surge-insurge, explode os poros do corpo e impele ao movimento. É forma sem fôrma; é líquido em copo.

(reminiscências saudosas da barbo-lagarta-lita irapi)

O “instante” do cen’átimo pode soar também, como hora do juízo. Sentindo a oportunidade do momento, na eman’ação de vida da natureza, solto-me no ar, embora erros sejam cometidos. Movo-me nessa tensão entre equívoco e acerto, processo dialético incessante.

Para Deleuze, o juízo se instaura sob o pressuposto da existência de uma dívida infinita. Por outro lado, Álvaro de Campos lembra nossa mortalidade e Irapi, a barbolita, alerta para os limites estreitos de nossa importância.

Da minha parte, asseguro: não, não estou sonhando¹. Danço nas ruas que dormem. Eu, Ebin’aê, não sonho, durmo. Adentro o estado de sono com a “embriaguez” de que Deleuze trata. Eulilyos e o Corvo mantêm-se em estado de sono ou insônia; assim, aproximam-se do êxtase. Já L. Cavas e Arados sonham incessantemente, não se abriam para experiências como a do peyotl de Artaud ou dos “cantos da floresta mexicana”, mencionados por Lawrence. Acabaram presos nas malhas do juízo, envolveram-se na guerra, mas não se empenharam no “combate”. Os insones, ao contrário, logram inserção no que Deleuze chama de “o sistema da crueldade”, tornando-se aptos a entrar no combate e, aí, “apossar-se de uma força para fazê-la sua” (Deleuze, 1997, p. 150).

Buru também não sonhou, entorpeceu-se. O sonho dele é o “sonho de insônia”, o mesmo de Borges: “já não é um sonho que se faz no interior do sono, mas um sonho que se faz ao lado da insônia” (p. 148). É o “estado de embriaguez dionisíaco”, ou seja, sua maneira de escapar ao juízo. Noutras palavras, a eman’ação de vida da natureza, de diferentes formas, nos embriaga, abrindo uma alternativa à dominação do juízo, por sua vez, fundada na eternidade que garante a dívida infinita.

A emergência oportuna do salto, brotada na circunstância do cen’átimo, desencadeia transforma’ação, poção mágica. Se “o juízo implica uma verdadeira

¹ O sonho retorna nessa parte da disse-tal-ação com o sentido atribuído por Deleuze, no ensaio, aqui citado, “Para dar um fim ao juízo”.

organização dos corpos”, quando nosso corpo está desorganizado – com os órgãos exercendo indistintamente todas as funções ou nenhuma ação – “uma poderosa vitalidade não orgânica o atravessa” (p. 148). Esse “corpo sem órgãos”, na vertente dos cen’átimos, “só comporta pólos, zonas, limiares e gradientes”. Integrados ao “sistema da crueldade”, as vozes-corpos, gestadas do corpo de Eulailyos, permitem embriagar-se nas eman’ações dos corpos, que se gestam com-gestos.

Seguimos deslizando na superfície das florestas. O impulso é embriagar-se, enlear-se pelas matas, aspirando cheiros, provando sabores, sentindo texturas, captando afetos. Na teia complexa de energias vitais, produzem-se choques de efeito libertador. Despir-se de roupa e desorganizar o corpo afastam o juízo infinito do divino com suas racionalizações. Aquela mágica mão azul se abre, em convite, enquanto o ciclo continua: a crisálida vira barbolita, Irapi – a que emana vida. Num átimo, a cena é produzida.

A respir’ação- sens’ação nos arrebatada.

Estamos vivos.

É tudo uma questão de tempo. Cada espaço se abre como uma cena. Nossa espreiteza nos levará a encontrar-sentir nosso tempo. De um lado a paciência da crisálida a gestar sens’ações. Do outro, a rapidez do salto, quando o momento oportuno in’surge. A mão mágica move o corpo, sem forma, sem órgãos – manifestação mística, multiplicação de eus em processo criativo.

É o salto nos confins do universo,
no mar sem fundo,
nos ares de viagem,
nos abismos do firmamento,
nos enleios das eman’ações...

7.3. dos combates

(Per)sigo Deleuze que traz a idéia de combate como a substituição do juízo. O combate do guerrilheiro contra seu corpo organizado, contra a exaustão, contra

o que o afasta do contágio da natureza, dos ventos que trazem ou não a chuva, dos ruídos dos animais que o perseguem, das trovoadas estridentes em forma de rajada poderosa. Enfim, contra o que perturba sua concentr’ação que é sentir-se só com as vibrações, é tornar-se vibra-ção.

A opção deleuziana é pelo combate-entre: “o combate-contra procura destruir ou repelir uma força [...], mas o combate-entre é o processo pelo qual uma força se enriquece ao se apossar de outras forças somando-se a elas num novo conjunto, num devir” (p. 150). Como no Tai-Chi-Chuan, devemos usar a força do oponente a nosso favor. Usemos as forças como vetores a nosso favor. A busca é por encontros. Aliados surgem, mesmo se apresentando como inimigos. Estamos próximos dos sons, burlando e criando sons-signos. Buru-das Mortes ou Paulo Crysto Martins se entre-atravessam em combates incessantes em meu sentir-co-existir em espreiteza. Os coletiv’autores Euluilys, Corvo, L. Cavas e Arados Santos C. são agora rasurados, dilacerados e trazidos para o combate. (Ab)uso de seus escritos me fortalecendo.

Chegou o meu momento de falar-gritar-berrado onde
ventos, trovões, temporais, escaldante sol, terremotos e maremotos
insurgem.

Preparem todos, os ouvidos e os corpos. O combate-entre se abre mais uma
vez e me lanço

- em salto -

das nuvens ao chão, é hora de soltar-se nos ares...

de ser ar.

“Criar para si um corpo sem órgãos, encontrar seu corpo sem órgãos é a maneira de escapar ao juízo” (p. 151). Algo convém ou não, funciona ou não, somos afetados ou não por ela. Nesse des-prender-se nos saltos, nas eman’ações e nos ares, nos encontros com a Irapi barbolita amarela, as energias são afetadas e afetam, recriadas e trans-tornadas a todo momento oportuno.

Intervenções, encontros-desencontros

espreiteza para sabermos o que queremos afetar e ser afetado.

orgulho-ousadia-risco no adequado cen’átimo

e cuidado-resguardo nas impossibilidades que insurgem.

Forças que geram forças, energias que geram energias

- deslizamentos -

7.4. das esquizísticas

A aranha tece puxando fio da teia... ciência da aranha - da aranha e da minha - muita gente desconhece.

Caetano Veloso

Desconhece a ciência da barbolita Irapi que agora é crisálida. Aguarda até seu despertar. Enquanto isso, ela tece seus pensamentos-sensações – espreiteza. Desconhecemos – e muitas coisas não se conhece mesmo – embora a ciência saiba ou busque incessantemente saber. Muitas coisas não se explicam, portanto não se conhecem - sentem-se.

Desconhecer tem a ver com esvaziar-se, é afastar-se dos juízos, é perceber que verdade é questão de crença, como diria um amigo jamaico-bahiano-nietzschiano num bar do centro do Rio. A esquizística é esquisita e incômoda. É vivida entre mortos, feridos e vivos. São as possibilidades dos Eus, de que Eulilyos fala em seu poema. É mística, pois é o contato dos afetos - afetos afetantes e afetados - é eman'ação da vida, o pranto das nuvens ao conceber o seu firmamento, a pena que voa-plaina no ar, o tremor vibrante da terra, a forças dos rios e mares que inundam os corpos de células vivas, o calor das chamas. É vida e abraços, energia que faz tremer o corpo. A esquizística é louca, esquizofrênica. São possibilidades fluídicas, es-vaídas. São vozes-corpos que invadem ou insurgem de dentro de outros corpos. Já não importa o corpo que escreve, a criação é coletiva. Somos antenas para vibrações ou ebulição de la[r]va ou água que insurge pelos poros.

“Eu sou um pássaro que vivo avoando... vivo avoando pra nunca mais voltar”

Assim cantam os Novos Baianos, o que me lembra a dês-falecida de um negro pássaro que conheci no Soton do mundo. Voou e nunca mais voltou. As vozes-corpos são assim em alguns casos.

– Vêm-Es-Vão –

“Abre a porta e a janela e vem ver o sol nascer”.

É o sol que se abre e ilumina os olhos que se fecham, se esfregam sem alcançar a nitidez. As vozes-corpos - ezquizisticamente - reaparecem, “trazem coisas do ar” quando chove, lembra Raul Seixas. Sempre reaparecem reconstruídas, jamais são as mesmas. Sua passagem é sentida diferentemente - e só pode ser sentida-escutada e não compreendida.

É como o mesmo - ou outro, não importa - Raul sentiu a fonte que desce daquele monte. A fonte esconde os segredos da vida, os céus e a terra bebem dela ainda que seja de noite. A música chama a todos nós que dessa água nos fartamos mesmo às escuras. Chama para abrirmos a janela e deixarmos o sol arder em nossa pele, que traga vozes-corpos para inscrever suas marcas na folha em branco – espaço de todos.

Uma tal Lilith Loschi me escreveu, num momento de dissolução. Num cen’átimo de não percepção de si mesma, onde seu corpo era invadido pelas nuvens. Onde o esquisito se juntou ao ezquizofrênico-louco e o esotérico:

“Eu não sou lá muito fácil
Tenho um quê de hermética
E de trimegística
Esquisita e esquizotérica
Filha de um orixá estranhésimo!”

Ela não é lá muito fácil e quem é? Relembro o aviso da barbolita Irapi para que não me dê tanta importância e me desintegro nesse estado de emanção de vida. Talvez você não entenda, um outro Raul transformou-se nas coisas da vida: o medo de amar, o medo do fraco, a força da imaginação, o dente do tubarão, o seu sacrifício, a placa de contramão, a luz que se apaga. É transbordante e, por isso, asfixiante. Não cabe no corpo de uma pessoa. Sou o transbordamento do corpo de Luis Felipe. Sou raso e profundo. Sou aquele quarto repleto de espelhos ou vivo vidas alheias como quer aquele Pessoa. Sou todos os autores – coletiv’autores.

A esquizística é o esquisito que é verdadeiro porque não cabe em um só. É destruidor, conservador e transformador.

– TRANS-TORNA –

Meu corpo fica pesado, a cabeça pende para o lado. O transe anunciado é catártico, é giro no ar - pirueta. Retornamos às janelas escancaradas e o sol virou chuva – refresca. Os diversos Burus que inspiraram a idéia inicial estão rindo contorcidos com a câmera na mão. Eulilyos aparece gritando-berrado, Vladimir Corvo envia um pouco do vento libertário de suas asas, L. Cavas em seus criamundos latinoamericanos possibilita os mundos paralelos - para além da Europa e da escrita –, Arados furtivamente lança a reflexão sôfrega - que precede inevitavelmente o momento oportuno. O ancião branco-cinza, Ebino San Carval, com sua bola de cristal, estende a mão a todos nós e oferece o atravessar, o transpassar.

7.5.trans-tornos

Nas reminiscências da embriaguez em que me encontro vejo-a de novo. A linda índia Kat'an. Ela é corpo cru, carne viva. Embriaga-se com o corpo que mergulha no rio ou cava a terra. Sua tez pintada e o chão a tremer pelos seus passos - taquicardia. Seu abraço é transe. É tornado, é retorno, é trans'passado, é trânsito para o mergulho no fundo azul dos ares, rios e mares. A estrada é comprida e repleta de bifurcações e eu só sei que em algum momento vou cantar. O corpo cru e grafado com urucum e genipapo es-vai-se por entre as florestas.

Trans-torno é corpo cru. O sangue escorre necessariamente. Sangue é vida e os trans-tornos carregam o sangue de nossas vidas. A água escorre necessariamente. Os ares se misturam. A vida é emanada pelas forças da natureza e as ações são criadas nesse encontro. A natureza está dentro e fora de mim... Crio ações a partir de minhas sens'ações.

(barbolita Irapi em seu estado de crisálida enxuga as asas para poder voar - as asas são amarelas e brilham. Se ela, porventura, cair nada a salvará da morte)

Já não há mais corpo, mas sim, corpos. Carne viva e corpo cru. O Eu dissolveu-se inteiramente. Mesmo, eu, Ebin'aê, me misturei com os demais, deixo

minha sonoridade, meu nome-saudação-refrão. Os trans-tornos trazem a crueza das vozes-corpos, seu sangue, sua vida. O povo pode, enfim. Somos a natureza viva.

(O genipapo e o urucum da pele de Kat'an se confundem com o corpo cru)

Os combates são fortalecidos pela coletividade. As vozes-corpos trans-tornaram-se, no encontro com a índia Kat'an, são corpo cru, carne viva, corpos sem órgãos. O combate se abre escancarado.

trans-tornos

esquizística

e a guerrilha com espreiteza

enfim tudo se encontra

na dissolução daquele que assina.

a importância são os afetos, os encontros das eman'ações para os ruídos continuarem.

para o firmamento - de quem sou filho -

poder existir.

é transe coletivo

transe-tornado-transe

– mágica –